



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES - DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

MARIA KAROLAYNE DE SALES SANTOS

**(DES)CONFIGURAÇÕES DA RAINHA MÁ NO CONTO DE FADAS
CONTEMPORÂNEO**

GUARABIRA – PB
2016

MARIA KAROLAYNE DE SALES SANTOS

**(DES)CONFIGURAÇÕES DA RAINHA MÁ NO CONTO DE FADAS
CONTEMPORÂNEO**

Trabalho apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito para a obtenção do Grau de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva.

GUARABIRA – PB
2016

S237d Santos, Maria Karolayne de Sales
(Des)configurações da rainha má no conto de fadas contemporâneo [manuscrito] / Maria Karolayne de Sales Santos. - 2016.

32 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.

"Orientação: Rosângela Neres Araújo da Silva, Departamento de Letras".

1. Contos de Fadas. 2. Rainha Má. 3. Once Upon a Time. I.
Título.

21. ed. CDD 028.5

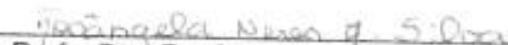
MARIA KAROLAYNE DE SALES SANTOS

**(DES)CONFIGURAÇÕES DA RAINHA MÁ NO CONTO DE FADAS
CONTEMPORÂNEO**

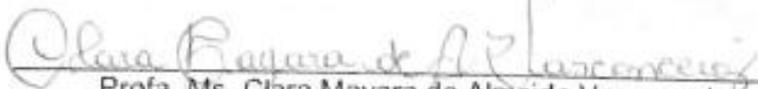
Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Letras do Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do grau de Licenciada.

Aprovado em 25 de outubro de 2016.

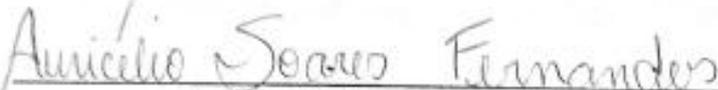
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva
Orientadora - UEPB



Profa. Ms. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos
Examinadora - UEPB



Prof. Ms. Auricélio Soares Fernandes
Examinador - UEPB

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades que não foram poucas.

Aos meus pais, principalmente a minha mãe, Betânia de Sales, que sempre esteve ao meu lado e me ajudou a manter o foco e fez de tudo para eu me alimentar direito, coisa que é bem difícil acontecer, quem me conhece sabe.

A minha querida orientadora, Rosângela Neres Araújo da Silva, pelo suporte durante esses meses, pela paciência, pela suavidade com que ela conversava e conseguia me acalmar mesmo eu sempre estando nervosa.

A minha namorada, Carla Nayara, por ter me acalmado em vários momentos, pela paciência de sempre, pela força e carinho incondicional. Acreditando e confiando sempre no meu trabalho. Te amo muito!

Aos meus amigos, Olivia, Liliane e Jamylli que sempre estiveram ao meu lado, me apoiando, acreditando na minha pesquisa. Somos uma família, muito amor por vocês, principalmente Wellington Pereira, que desde o início me ajudou muito e vem ajudando até nesses últimos dias antes da defesa, é aquele tipo de pessoa que tive a honra de conhecer. Só gratidão.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.

O amor verdadeiro é mágico, e não apenas uma magia qualquer, e sim a magia mais poderosa de todas.

Once Upon a Time

RESUMO

Este trabalho se propõe a caracterizar o deslocamento ocorrido da Rainha Má na série *Once Upon a Time – OUAT*, sob o recorte da 1ª temporada, a fim de identificar as transformações e rupturas pelas quais a personagem passa. Para tanto, procedemos uma análise explicando detalhadamente o real motivo pelo qual a Rainha Má se tornou um ser rancoroso, malvado, odiado e temido por todos. Vemos a independência e o poder dessa antagonista sendo almejado, evidenciando a quebra de paradigmas com a proposta de uma nova leitura do clássico, em diversas mídias e contextos.

PALAVRAS-CHAVE: Contos de fadas. Rainha Má. *Once Upon a Time*.

ABSTRACT

This study aims to characterize the shift which occurred on Evil Queen in the classic and in the series “Once Upon a Time – OUAT” under the choice of the 1st season in order to identify the changes and ruptures in which the character goes. Therefore, we are going to analyze, in detail, by explaining the actual reason why the “Evil Queen” became this being spiteful, evil, hated and feared by everyone. We notice the independence and power of this antagonist for being longed for, highlighting the break of paradigms with the proposal for a new reading of the classic, the feature film format, for a contemporary art, available on online platforms for all viewers profiles.

KEYWORDS: Fairy Tales. Evil Queen. Once Upon a Time.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A PERSONAGEM VILÃ: DO CLÁSSICO AO CONTEMPORÂNEO	12
3 A DESCONSTRUÇÃO DA VILÃ NA <i>QUALITY TELEVISION</i>	15
4 A RAINHA MÁ EM <i>ONCE UPON A TIME</i>	20
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	33

1 INTRODUÇÃO

Ao longo de muitos anos, as vilãs majoritariamente têm sido retratadas como mulheres horríveis, aquelas antagonistas de que ninguém gosta. Porém, na contemporaneidade, as coisas estão mudando, elas estão se tornando belas, com roupas deslumbrantes, sempre com cores fortes e expressivas. Assim, vemos o deslocamento do clássico, que não está mais preso no tempo, pois os contos de fadas ganhou outra visão.

O objetivo do trabalho é mostrar a caracterização da Rainha Má, na série de adaptação de contos de fadas contemporâneos, *Once Upon a Time (OUAT)*. Enfoca o deslocamento da personagem vilã do conto clássico ao contemporâneo, uma vez que a ideia de vilã sempre foi mal vista nos contos de fadas, e aos poucos a desconstrução vai surgindo.

Inicialmente as vilãs eram apenas aquelas que praticavam o mal, destruíam a vida dos protagonistas e aparentemente não tinham um motivo real para a maldade. Hoje a vilã é retratada de modo diferente, pois se tornou mais compreendida. Em nossa pesquisa, a desconstrução da vilã é esse deslocamento entre a Rainha Má do conto tradicional, e a Rainha Má da série supracitada.

A Rainha Má de *OUAT* é uma mulher decidida, batalhadora, cria um filho adotivo (no mundo real) que sempre amou, sempre deu tudo o que ele precisava. Além desse diferencial, a série mostra detalhadamente o porquê de Regina se tornar a Rainha Má, quando ela confiou seu maior segredo a Branca de Neve, confessou para ela que amava Daniel, um empregado de sua casa campo, e Branca acabou contando para sua mãe (Cora). Cora (mãe de Regina), que era um ser perverso, queria que Regina casasse com o pai de Branca e então decidiu acabar de uma vez com esse amor, matando Daniel na frente de Regina. Esse é então o real motivo da Rainha Má odiar tanto Branca de Neve, pois a mesma não guardou segredo e acabou destruindo a felicidade de Regina.

Essa é a nova versão do antagonista na série, que contém as explicações anteriormente não fornecidas pelos contos de fadas. Sabemos que tudo o que aconteceu teve um motivo e além de qualquer coisa, a Rainha Má sofreu

decepções, foi maltratada pela mãe e leva consigo os infortúnios e o desejo de vingança.

O interesse em OUAT iniciou em 2012, e me apaixonei pela série que, de início, me fez lembrar da infância, porque os episódios e todo o enredo de magia, amor, e esperança me fez lembrar dos contos de fadas. O mais agradável sobre isso são as coisas que você realmente experimenta quando criança, o mundo da imaginação, e as novas descobertas sobre os contos.

Dessa forma, o capítulo a seguir aborda as características da personagem vilã no conto clássico e sua versão para a contemporaneidade; o terceiro capítulo abordaremos a desconstrução da personagem vilã na série; no quarto capítulo desse trabalho, mostraremos os deslocamentos que caracterizam a Rainha Má na contemporaneidade; por fim, procedemos as considerações finais e enumeramos as referências utilizadas no texto.

2 A PERSONAGEM VILÃ: DO CLÁSSICO AO CONTEMPORÂNEO

A ideia de vilã nos contos de fadas sempre foi algo mal visto, a mulher má que intencionava atrapalhar a vida dos protagonistas (geralmente o príncipe e a princesa). Vemos, na atualidade, uma alteração na caracterização da vilã, e por explicar seu antagonismo e as condições que a tornam má, algumas adaptações tem sido dedicadas a ela. De acordo com Brait (1985):

Tanto o conceito de personagem quanto a sua função no discurso, estão diretamente vinculados não apenas à modalidade criativa do fazer artístico, mas especialmente à reflexão a respeito dos modos da existência e do destino desse fazer. Pensar a questão da personagem significa, necessariamente, percorrer alguns caminhos trilhados pela crítica no sentido de definir seu objeto e buscar o instrumental adequado à análise e a fundamentação dos juízos acerca desse objeto.

Atualmente, tem-se notado uma grande aceitação das vilãs dos tradicionais desenhos da Disney como símbolo de poder, beleza e superioridade. O espaço de referência de beleza e conduta, que antes era dominado pelas princesas, hoje se divide também com as vilãs.

Inicialmente as vilãs eram retratadas como a representação do mal, do errado, do injusto, que iam contra os princípios éticos e morais. Porém, nota-se que na contemporaneidade elas passaram a ser compreendidas e se tornaram personagens com os quais o público se identifica e quer saber o motivo de sua maldade e comportamento.

A partir daí, o papel da vilã se modificou nos contos atuais, pois a “guerra” entre o bem e o mal apresenta motivos mais explícitos. As mudanças sociais originaram mudanças nos códigos morais, pois há um reconhecimento das duas características na constituição de valores humanos.

Constata-se uma volta do mal com toda a força. Refiro-me à face obscura de nossa natureza. Aquela mesma que a cultura pode em parte domesticar, mas que continua a animar nossos desejos, nossos medos, nossos sentimentos, sem suma, todos os afetos. Esta volta com toda força talvez seja aquilo mesmo a que nos

referimos há algumas décadas, de maneira bastante incerta, como “a crise”. Fantasma que assombra a consciência dos dirigentes da sociedade, e que nada mais faz além de expressar o que eles haviam negado, mas que continuava existindo naquela memória imemorial que é o inconsciente coletivo (MAFFESOLI, 2004, p. 29).

O que faz de uma personagem vilã? Elas rejeitam ou são indiferentes às normas sociais, essas mulheres ignoram as regras e não se importam com o senso comum, elas não se submetem aos homens ou às funções de uma mulher em uma sociedade machista? Esses são os principais questionamentos que levantamos e discutimos, pois as vilãs ignoram a sociedade machista, estão no controle de sua sexualidade, utilizando-a também como uma arma ou instrumento de recusa de uma vida de infelicidade.

Apesar do ser humano repulsar a violência em seu dia-a-dia, conhecendo o sofrimento, que existe maldade, ele se sente atraído pelo mal. Segundo Nietzsche, isso faz parte da animalidade do homem, que aflora após as repressões familiares e sociais. Faz parte do ser humano a dualidade entre o bem e o mal, a vontade de se vingar, de fazer justiça com as próprias mãos. O vilão representa o inimigo, o lado oculto do indivíduo, representando metaforicamente a derrota do mal.

Nas histórias clássicas, a mocinha e o herói são exemplos de perfeição e modelo a serem seguidos socialmente, que pregam o bem. Já os antagonistas são os personagens que geram o conflito da história, são contra os protagonistas e seus modelos. No entanto, o final das vilãs ou das mulheres que não estavam dentro do padrão ideal estipulado na época, era muito geralmente trágico, para servir de lição. As princesas, na maioria das vezes, eram descritas como submissas e passivas, que esperavam e tinha como objetivo principal de vida, o amor verdadeiro. Apenas com a união com o príncipe seguia-se o final feliz. Era a reprodução do que se esperava de uma mulher e o que elas deveriam esperar para sua vida.

Por muito tempo, a mídia teria associado à imagem de feminilidade a essas mulheres dóceis, jovens, gentis, amáveis e belas. Só assim elas seriam desejáveis. Se a personagem não se enquadrasse no “padrão princesa”, ela seria castigada e odiada, não teria um par romântico ou um final feliz. Assim nascem as

vilãs, da quebra de paradigmas sociais. A Rainha Má, apesar de ser bonita, invejava e tinha obsessão pela beleza e juventude de Branca de Neve. Na série, sabemos o porquê, o que não acontecia no conto clássico. Segundo Maffesoli:

Os mitos, os contos e lendas, os filmes, o torrão local, o trágico da vida comum – tudo isto reitera a ontogênese da vida individual e coletiva. Tudo isto diz e rediz que, ao lado do bem, ali está o mal, ele é um estilo, de arte e de vida, todo inteiro, ressurgindo regularmente nas histórias humanas (MAFFESOLI, 2004, p. 50).

Na própria literatura, as personagens consideradas sem muitos padrões morais são capazes de viver grandes paixões.

As delícias das mulheres depravadas, livres, ambiciosas, eram descritas em detalhes, incendiando a imaginação de mocinhas e senhoras entediadas. Para desestimular qualquer identificação perigosa, os autores de folhetim (tanto quanto Flaubert) apelavam para o sentimentalismo, frequentemente descrevendo as mulheres fatais como mães desnaturadas, ao contrário das mulheres virtuosas, dispostas a qualquer sacrifício pessoal em nome dos filhos (COSTA, 2000, p. 36).

O que nos contos clássicos era usado para representar o medo e sombrio, como as cores escuras, por exemplo (preto, roxo, cinza e vermelho), hoje ganham representação de poder, sedução e desejo. Longe da perfeição imposta pelas princesas, elas são um modelo mais próximo da realidade, a dualidade característica do ser humano.

A mídia sempre se utilizou da imagem perfeccionista das princesas para estimular o consumo de produtos que auxiliariam as mulheres a alcançar esse ideal. O estereótipo feminino sempre está ligado à fragilidade e a um determinado padrão de beleza. Nos filmes, a maioria das mulheres são brancas, bonitas e magras. A representação da vilã vem desconstruir esses estereótipos, como mostramos no capítulo a seguir.

3 A DESCONSTRUÇÃO DA VILÃ NA *QUALITY TELEVISION*¹

A personagem da madrasta malvada, segundo Bettelheim, não permite que as pessoas, principalmente as crianças, se sintam culpadas por ter pensamentos e desejos maus e de raiva em relação à personagem. Se essa culpa permanecesse, interferiria na relação com a mãe boa.

Um espírito benevolente pode neutralizar num instante todas as más ações de outro malvado. As boas qualidades da mãe são tão exageradas no personagem salvador de conto de fadas quanto as maldades na bruxa. Mas é assim que a criancinha experimenta o mundo: ou como inteiramente prazeroso ou como um inferno sem alívio. (BETTEHEIM, 2002, p.73)

Nos contos de fadas, a vitória é sobre si mesmo e sobre o mau, inclusive o presente em todos nós, projetado como o antagonista do herói. Podemos ver nas antigas abordagens que os protagonistas apenas recebem as vilanias feitas contra eles, sem tentar descobrir o motivo. Apenas aceitam o que acontece e tentam combater.

Em qualquer caso, logo que a estória começa, o herói é projetado em perigos graves. E é assim que a criança vê a vida, mesmo quando na verdade sua vida prossegue sob circunstâncias favoráveis, no que se refere a eventos externos. Para a criança a vida lhe parece uma sequência de períodos de vida calma que são interrompidos súbita e incompreensivelmente quando ela é lançada em perigosas ameaças. (BETTELHEIM, 2002, p.158)

Quando os pais fazem alguma exigência às crianças que elas acham uma grande maldade ou ameaça, acreditam que não há uma razão para tal. Assim são os vilões dos contos. Simplesmente maus, sem motivo aparente, nada justificando suas atrocidades (BETTELHEIM, 2002).

Os contos tradicionais não abordam o motivo da Rainha Má não ficar feliz com a felicidade da enteada e aceitar o envelhecimento natural, por exemplo. As antagonistas são más sem explicação, sendo apenas a materialização do mal.

¹ Mídias tecnológicas de alta qualidade, com o mesmo valor estético dos filmes de arte. (THOMPSON, 2003).

A morte poderia ser considerada um símbolo contrário à beleza e bondade e sobretudo a anulação de questionamentos ou comparações. Assim, na maioria das histórias a morte é anulada com um beijo, ou o ser se transforma em pedra e depois o feitiço é quebrado (BETTELHEIM, 2002). Mesmo que o mal atinja heróis e princesas, ele é sempre reversível.

Especialistas afirmam que retirar o mal, as lições e o medo dos contos é desaconselhável. A mudança na história ameniza as emoções e o enfretamento de conflitos que a criança precisa sentir para amadurecer.

Lutando corajosamente com estas complexidades emocionais familiares, podemos conseguir uma vida muito melhor do que a dos que nunca se conturbaram com problemas graves (...). Isto dá coragem à criança para que não desanime com as dificuldades que encontra na luta para chegar a ser ela mesma. (BETTELHEIM, 2002, p.213)

Bettelheim (2012, p. 242)relata que no conto tradicional a mãe de Branca de Neve morreu quando ela nasceu, nada de ruim sucedeu com a Branca de Neve durante os primeiros anos, apesar da mãe ser substituída por uma madrasta. Esta só se transforma numa típica madrasta de contos de fadas depois que Branca de Neve faz sete anos e começa a amadurecer. Então a madrasta começa a se sentir ameaçada por sua beleza e bondade e passa a ter ciúmes. O narcisismo da madrasta é demonstrado pela sua busca de confirmação quanto à beleza, no espelho mágico, muito antes da beleza de Branca de Neve eclipsar a dela.

Quando a rainha consulta o espelho quanto ao seu valor, a beleza, repete o tema antigo de Narciso, que só amava a si mesmo, de tal forma que foi tragado pelo autor-amor. Os pais narcisistas são os que se sentem mais ameaçados pelo crescimento da criança, pois isto significa estar envelhecendo. Enquanto a criança é totalmente dependente, é como se fosse uma parte dos pais; não ameaça o narcisismo paterno. Mas quando começa a amadurecer e atingir certa independência, então é vivenciada como uma ameaça, como sucede em “Branca de Neve”. (BETTELHEIM, 2012, p.242)

O narcisismo faz parte da configuração infantil. A criança deve aprender gradualmente a transcender esta forma perigosa de alto-envolvimento. A estória de Branca de Neve adverte sobre as consequências funestas do narcisismo tanto para os pais como para a criança. O narcisismo de Branca de Neve quase a

destrói quando ela cede duas vezes às seduções da rainha que propõe torna-la mais bonita, e a rainha é destruída pelo próprio narcisismo. O ciúme, no caso da rainha, não pode ser ignorado, então é preciso encontrar alguma razão que o explique, o que na estória é atribuído à beleza da menina.

Esta não é a primeira estória de uma mãe ciumenta da sexualidade florescente da filha, nem é tão raro uma filha acusar mentalmente a mãe de sentir ciúmes. O espelho mágico parece falar com a voz da filha e não da mãe. A menina pequena acha que a mãe é a mulher mais linda do mundo, e é assim que o espelho fala inicialmente com a rainha. Mas como a meninas mais velha considera-se muito mais bonita que a mãe, isto é o que o espelho diz mais adiante. A mãe pode se desencorajar quando se compara com a filha num espelho e pode pensar – “Minha filha é mais bonita do que eu”. Mas o espelho diz: - “Ela é mil vezes mais linda!” uma afirmativa análoga ao exagero do adolescente que faz com que aumente suas vantagens e com isto silencie as dúvidas internas. (BETTELHEIM, 2012, p.246)

A vilã da série contemporânea é totalmente diferente da Rainha Má do conto clássico. A série em questão é *Once Upon A Time*, criada em 23 de Outubro de 2011. A Rainha Má é interpretada pela atriz Lana Parrilla, muito conhecida por seus vários papéis em séries e filmes, e se consagrou em *OUAT*, por seu carisma, profissionalismo e dedicação. O primeiro episódio da temporada 1 inicia com a seguinte introdução:

Era uma vez... numa floresta encantada, com os clássicos personagens que conhecemos, ou que achamos conhecer. Um dia se viram presos num lugar onde seus finais felizes foram roubados, nosso mundo. Foi assim que aconteceu...

Após, vemos o Príncipe Encantado cavalgando em uma bela paisagem, chegando à floresta e encontrando Branca de Neve dentro de seu caixão de vidro, cercada pelos sete anões. Ele decide beijá-la como despedida e, como todos já esperamos, ela acorda. Em seguida, somos levados ao casamento dos dois e pensamos que a série já começa com o final feliz, mas, antes que os noivos possam se beijar, a Rainha, madrasta de Branca, interrompe a cerimônia e ameaça os noivos. A imagem dos dois assustados se transforma na ilustração de um grande livro que é levado por Henry, um menino de aproximadamente 10 anos

que, nos dias de hoje, chega à cidade de Boston desacompanhado. Henry procura por Emma e bate à sua porta dizendo ser seu filho. Ela o entregou para adoção assim que ele nasceu e ele pede que ela volte a Storybrooke com ela, pois acredita que é a única capaz de quebrar a maldição que foi lançada sobre a cidade e que mantém os personagens de contos de fadas presos ao nosso mundo. A série vai mesclando passagens do “mundo real” com acontecimentos do “mundo mágico” e vamos juntando as peças do que pode ter acontecido aos personagens.

Neste sentido, a teoria da intertextualidade de Julia Kristeva, uma tradução ao conceito de “dialogismo” de Michail Bakhtin, e as categorias intertextuais de Gérard Genette, propõem a possibilidade de troca constante entre as artes, em uma relação intermutável entre os textos. Ambos os conceitos possibilitam a quebra de um preconceito estrutural nos estudos literários e cinematográficos quando lidamos com adaptações. A forma da adaptação como uma “leitura” do romance-fonte inevitavelmente parcial, pessoal, conjuntural, por exemplo, sugere que, da mesma forma que qualquer texto literário pode gerar uma infinidade de leituras, assim também qualquer romance pode gerar uma série de adaptações.

Dessa forma, uma adaptação não é tanto o ressurgimento de uma palavra original, mas uma volta num processo dialógico em andamento. O dialogismo intertextual, portanto, auxilia-nos a transcender as aporias da “fidelidade” (STAM, 2008, p.21). Essa compreensão será de extrema importância para os estudos de adaptação, pois permite a análise destas obras através de uma perspectiva despida de julgamentos de valor. O audiovisual pode, dessa forma, ser incluído em uma espiral de referências, de produtos que se citam, se reconhecem e que dialogam entre si. Sem que haja necessidade do retorno a um ponto inicial de criação. As adaptações podem ser definidas, de acordo com Linda Hutcheon como: “uma transposição reconhecida de outro texto, ou textos; um ato criativo e interpretativo de apropriação e; uma relação estendida de intertextualidade com a obra adaptada” (HUTCHEON, 2006, p. 8).

Stam sugere a quebra da antiga crença enraizada na literatura de que há uma verticalidade entre as obras, uma relação de hierarquia entre o texto original e a adaptação, o que coloca o cinema em uma relação de inferioridade ao romance, e propõe que haja horizontalidade, um diálogo, uma intertextualidade. A

desconstrução também muda a hierarquia do “original” e da “cópia”. Numa perspectiva derridiana, o prestígio aural do original não vai contra a cópia, mas é criado pelas cópias, sem as quais a própria ideia de originalidade perde o sentido. O filme enquanto “cópia”, ademais, pode ser o “original” para “cópias” subsequentes. Uma adaptação cinematográfica como “cópia”, por analogia, não é necessariamente inferior à novela como “original”. (STAM, 2006, p.22)

Desse modo, a vilã em *Once Upon a Time* não é má porque nasceu má, há um grande motivo para isso. Essa explicação, que não é fornecida no texto clássico, é o diferencial da adaptação. Ela se torna a Rainha Má justamente para se vingar, vingar seu sofrimento e todos que estivessem ligados a essa história iriam sofrer consequências.

OUAT cria no espectador essa vontade de imaginar novos rumos e criar novas características para os personagens que conhecem. Nessa rede, tudo é possível e a imaginação dos espectadores aumenta, juntando, da mesma forma que é feito na série, diversas referências. Não é uma narrativa escrita por fãs dos contos de fadas, mas faz uso dos modelos citados anteriormente até mesmo para se conectar a eles.

A série é, em linhas gerais, um grande *crossover* das mais diversas histórias e ganha, a cada temporada, novos personagens. Eles, por sua vez, chegam impregnados por muitas referências e elementos de outras adaptações, auxiliando não só na sua construção na série mas também na sua identificação com o espectador. Em *OUAT*, as referências funcionam como forma de criar uma intertextualidade não só com o texto fonte, as canônicas narrativas literárias infantis e histórias populares recontadas durante séculos, mas também com as personagens adaptadas e apropriadas pelo audiovisual em inúmeras versões diferentes ao longo dos anos.

4 A RAINHA MÁ EM *ONCE UPON A TIME*

Edward Kitsis e Adam Horowitz são os criadores, roteiristas e os produtores executivos de *Once Upon a Time*. Lançada nos Estados Unidos em 23 de Outubro de 2011, pelo canal ABC, no momento está em sua sexta temporada. Em entrevista feita para o DVD da 1ª temporada, os criadores falam um pouco sobre como transformaram essa ideia de relatar contos de fadas no mundo real e ficcional ao mesmo tempo:

Eddie e eu tivemos a ideia para esta série há quase oito anos, e tínhamos pensado nela desde então, sem descobrir como fazê-la, até meados de 2010. Uma das primeiras coisas que nos ocorreu sobre contar esta história foi: “Como começar?” “Onde começar uma história sobre contos de fada no mundo real?” A principal inspiração para a abertura foi a música do Led Zeppelin que abre a disco *Houses of the Holy*, *The Song Remains the Same*. Queríamos o mesmo tipo de abertura grande, bombástica. Queríamos ter aquela sensação e também usar a ideia de um final feliz, e sentimos que um dos finais mais simbólicos dos contos de fada, é o fim de Branca de Neve, e começar nossa série com ele, mostrando que, onde você pensa que os finais felizes terminam não é onde os vemos, e que existe algo que vai além deles, e é por isso que começamos com o beijo e o acordar, e vamos para o casamento interrompido pela Rainha Má. (KITSIS, 2012)

Fazendo sua primeira aparição na série *Grown Ups*, Lana Maria Parrilla nasceu no Brooklyn, Nova Iorque, e antes de estrelar na série de ficção fantástica *Once Upon a Time* chegou a trabalhar com Steven Spielberg. Estrelou a série médica *Miami Medical* em 2010, e só então fez a audição para a produção de Edward Kitsis e Adam Horowitz, tornando-se uma das melhores e mais queridas personalidades de todos os tempos.

Lana conviveu um longo tempo com sua tia Candice Azzara, atriz americana, que a inspirou desde cedo. Ela cresceu em uma casa onde criatividade e a realização dos sonhos eram definitivamente encorajadas. Quando pequena fazia vídeos caseiros com a família. E sua tia era fonte de inspiração e admiração, sendo então sua mentora e de grande influência. Lana contou em uma entrevista para a Revista *Nuevo Impact* que apesar de ter começado sua carreira somente após os 16 anos, ela sabia que era isso o que ela realmente queria com 11 anos de idade.

Após formar-se no ensino médio, Lana mudou-se para Los Angeles e iniciou seus estudos em artes cênicas buscando uma carreira profissional. Ela estudou com o aclamado instrutor Milton Katselas na Beverly Hills Playhouse. Fez aulas particulares de canto por cerca de 10 anos, mas não para cantar e sim para atuar. Sua primeira aparição na televisão aconteceu em 1999, na série "Grown Ups". Em 2000, ela foi incluída no elenco do filme "Very Mean Men", com Matthew Modine e Martin Landau, e assumiu a liderança do filme de terror e ficção científica "Spiders". Lana também apareceu no episódio piloto de "Semper FI", série de ação de Steven Spielberg. A série, de inicialmente 13 episódios, estava programada para ir ao ar no Outono de 2000 na NBC mas o projeto de série acabou tendo um investimento de 5 milhões de dólares e estreou como filme, visto que no episódio piloto havia 2 horas de duração.

Em 2010, Lana estrelou na produção de Jerry Bruckheimer "Miami Medical" interpretando Dr. Eva Zambrano, porém a série também foi cancelada ainda na primeira temporada. Entre 2010 e 2011, ela fez diversas participações como atriz convidada em séries, incluindo "Covert Affairs", "Medium" e "The Defenders".

Em Fevereiro de 2011, Lana foi escalada para interpretar Rainha Má/Prefeita Regina Mills, a antagonista na série de drama e fantasia da ABC, *Once Upon a Time*. A série estreou em Outubro de 2011 e conta a história de Regina Mills, uma rainha má que rouba memórias graças à maldição obtida por meio de Rumpelstiltskin. Suas vítimas viveram, portanto, uma realidade imutável durante 28 anos dentro da cidade fictícia de *Storybrooke*, sem ter qualquer noção de sua idade. Todas as esperanças estão depositadas em Emma Swan, a filha da Branca de Neve e do Príncipe Encantado. Ela é a única pessoa com a capacidade de quebrar a maldição e recuperar as lembranças perdidas, pois foi transportada do mundo de conto de fadas antes de ser atingida pelo feitiço.

Embora tenha iniciado a série como a principal antagonista, a personagem de Lana é uma das mais queridas pelo público. Sua performance como Regina Mills vem lhe rendendo comentários positivos dos críticos de televisão. A atriz reside atualmente em Vancouver, Canadá.

Um das ideias que tivemos foi que se você fosse a Rainha, não seria horrível viver numa terra onde todos tem um final feliz? Você nunca vence, põe um forno numa casa de doces, mas não pode assar as duas crianças, então nós queríamos ver a Rainha com raiva, furiosa e dizendo que chegou ao limite, e é por isso que vai recorrer a opção nuclear. (HOROWITZ, 2012)

Regina Mills, como a Rainha Má é conhecida no mundo real, em *Storybrooke*, uma pequena cidade no estado norte-americano do Maine, vive as contradições que todos vivem: saber o que é certo, mas muitas vezes as emoções confundem a realidade e são tomadas atitudes consideradas politicamente incorretas. Demonstrar amor verdadeiro por seu verdadeiro filho, tentar controlar seus impulsos, ajudar aqueles que antes eram considerados seus inimigos, fez com que ela se tornasse ainda mais próxima dos espectadores.

No desenrolar da série de televisão, vamos descobrindo aos poucos a verdadeira história da Rainha Má. Filha de Cora, mulher egoísta que almeja o poder, ao falhar em seduzir um rei para ser rainha, jurou que sua filha o faria. Regina sempre foi uma pessoa doce, que gostava muito de cavalos e apaixonada por Daniel, o tratador de cavalos. Depois que a mãe da Branca de Neve morreu, Cora viu a oportunidade perfeita para transformar sua filha em Rainha. Com seu bom coração, Regina salvou Branca de um cavalo em disparado, plano armado por Cora, e conheceu o rei.

O rei, por ver que a jovem gostava de crianças e que era bela e gentil, pediu a mão de Regina. A moça, que tinha passado a conviver com Branca de Neve e encontrado na menina uma amizade verdadeira, contou para ela sobre o seu amor por Daniel e pediu segredo. Porém, ao achar que ajudaria o casal apaixonado a fugir, Branca conta para Cora, que fica furiosa e mata Daniel. Nesse dia, Regina jurou vingança contra Branca. Casou-se com o rei, banuiu a mãe de *Wonderland*, e após um tempo de casada, apareceu um gênio. A agora vilã o enganou para matar o rei e o transformou-o no Espelho Mágico. Começou a aprender magia com Rumpelstiltskin, feiticeiro do mal, e a perseguir Branca de Neve.

Após muitas maldades, a Rainha Má é derrotada por Branca de Neve e seu Príncipe Encantado. Com raiva, procura uma grande maldição que estava com Malévola, porém, para executá-la, teria que sacrificar o que mais amava. Regina mata seu pai, Henry, e lança o feitiço para que todos os personagens da Floresta

Encantada vão para *Storybrooke*, nos EUA, sem lembrar quem realmente são e sendo “seres humanos normais”, a fim de separar Branca, o Príncipe Encantado e a filha do casal.

O que ela não esperava era que eles tivessem enviado a filha deles por um armário mágico para os EUA, e fora de *Storybrooke*, para a Rainha Má não a matar. Emma Swan, anos mais tarde, teve um filho e o deu para adoção. Regina, agora prefeita da cidade de *Storybrooke*, queria adotar uma criança e acabou adotando o neto da Branca de Neve, dando-lhe o nome de Henry.

O menino sempre quis saber quem era sua mãe verdadeira. Após investigar escondido, achou a mãe e a levou para a cidade. Após algum tempo, Swan quebra a maldição da cidade, que já durava 28 anos, porém o tempo na cidade era congelado. O amor por Henry e uma série de aventuras fizeram com que aos poucos Regina fosse para o lado do bem. Porém, não importava o bem que ela fazia, sempre saía prejudicada no final.

Vale ressaltar que Cora, a mãe de Regina também sofreu no passado. Filha do moleiro, sempre foi audaciosa e sonhava em ser da realeza. Foi enganada por um homem que se dizia príncipe e acreditando que se casaria com ele, entregou-lhe a virgindade. No dia seguinte, descobriu a verdade, mas acabou se aproximando do real príncipe e ficou noiva dele. Porém, o homem que a enganara estava no palácio. Ele a ameaçou, pois sabia que estava grávida, e pediu, em troca do seu silêncio, joias do castelo. Outra moça ouviu tudo e contou ao príncipe. A princípio, o príncipe não acreditou, mas quando viu Cora com as joias, a expulsou do castelo. A moça que a delatou era a mãe de Branca de Neve. Cora jurou vingança. Assim, a Rainha Má se sente traída por Branca de Neve, que confessou seu maior segredo, o amor por Daniel, o jovem funcionário de sua casa, à mãe perversa de Regina, culminando a morte de seu amado.

É possível perceber que a trama recebe outros elementos e conflitos que dão sequência aos fatos, e justificam o presente vivido pelos personagens, em *OUAT*, a maldição lançada é resultado da busca por vingança que a Rainha Má tenta efetivar contra Branca de Neve. Nesse caso, a transposição de sentidos existe devido ao reconhecimento que nós, telespectadores, projetamos na série por meio das referências culturais dos contos infantis que lemos ou assistimos e guardamos na memória.

Nas séries desse tipo, em sua maioria, apresentam características mais semelhantes à nossa realidade humana e exaltam comportamentos mais intensos do que nos clássicos da Disney, por exemplo. Essas personagens são complexas e, por isso, alteram seus sentimentos, reações, atitudes, sendo coerentes com o contexto, época, ambiente e público nos quais a narrativa está envolvida. Isso é exatamente o contrário do que temos em mente em relação aos clássicos contos de fadas infantis.

Para os romancistas do antigo romantismo, a tarefa também era fácil: os bons dum lado e os maus do outro. Deus e o diabo. E em nenhum momento o bom deixava de ser bondoso e o mau deixava de praticar maldades. Esse processo maniqueísta não podia mesmo durar para sempre, pois não é assim que as pessoas se dividem no mundo. (REY, 2007, p.29)

As personagens de *Once Upon a Time* possuem personalidade forte, principalmente a Rainha Má, mas estão suscetíveis a transformações e mudanças ao longo de sua jornada na série. Esta possibilidade vem ao encontro de uma natureza humana que envolve todos nós. O ser humano reage conforme suas experiências e é capaz de se moldar para o bem ou para o mal, através de suas relações, conexões, seus sucessos e fracassos pessoais. Essa mesma ideia pertence à narrativa de *OUAT*, em que suas personagens são passíveis de situações que as desafiem e coloquem à prova suas convicções. Em outro contexto, Field (2009) explica a incidências destes eventos na construção da personagem:

Às vezes, esses eventos ou incidentes que ocorrem em nossas vidas trazem o que há de melhor e de pior em nós mesmos. À vezes nos recuperamos deles; outras vezes não, mas eles sempre nos afetam. Em outros momentos, a forma como agimos e reagimos a esses incidentes nos revela a nossa própria natureza, e nos diz quem “realmente” somos. (FIELD, 2009,p.56)

A primeira aparição da Rainha Má em *Once Upon a Time* acontece na cerimônia do casamento da Branca de Neve com o Príncipe encantado. Como podemos ver no frame a seguir:



Figura 1: Rainha Má interrompendo o casamento de Branca de Neve com o Príncipe Encantado

Ela abre a porta do castelo bem na hora que o casal ia se beijar e interrompe imediatamente a cerimônia, e vai entrando triunfante no castelo, passando no centro da enorme sala e causando medo à todos que querem sair correndo dali. Dois guardas tentam pará-la, mas a Rainha joga-os para longe com apenas um movimento. Um dos anões grita: “É a Rainha, corram!”, mas Branca de Neve pega a espada do Príncipe e enfrenta a mesma. Ninguém conseguiu interromper o que ela foi dizer naquele momento, ou melhor, o que ela tinha para falar era um presente para o casal:

Vim aqui para dar-lhes um presente”, “Não queremos nada de você!”
“Mas vão ter!”, “Vocês fizeram seus votos, agora eu faço os meus, logo tudo o que vocês amam será arrancado de vocês para sempre, dos seus sofrimentos virá a minha vitória. (OUAT, 2012)





Figuras 2 e 3: A Rainha Má ainda no casamento de Branca de Neve e do Príncipe, amaldiçoando a vida deles.

A última frase que a Rainha diz antes de sair “Eu destruirei a sua felicidade, nem que seja a última coisa que eu faça.” Depois de dizer isso, ela se virou e começou a sair do castelo, o Príncipe jogou a espada para atingi-la, mas não teve êxito. E todos naquele momento ficaram aflitos.

Ela não está apenas tomada pelo mal, mas também sofrendo, porque foi muito prejudicada pela Branca de Neve, ou seja, ela tinha motivos sólidos para querer que eles fossem infelizes, que eles não tivessem o “felizes para sempre”. A sua vida se transformou num mar de solidão, de tristeza e de ódio, o que ela mais queria era que a Branca de Neve pagasse por tudo que ela tinha feito no passado. Por ter destruído o seu final feliz e não ia descansar até conseguir concretizar seus planos de vingança.

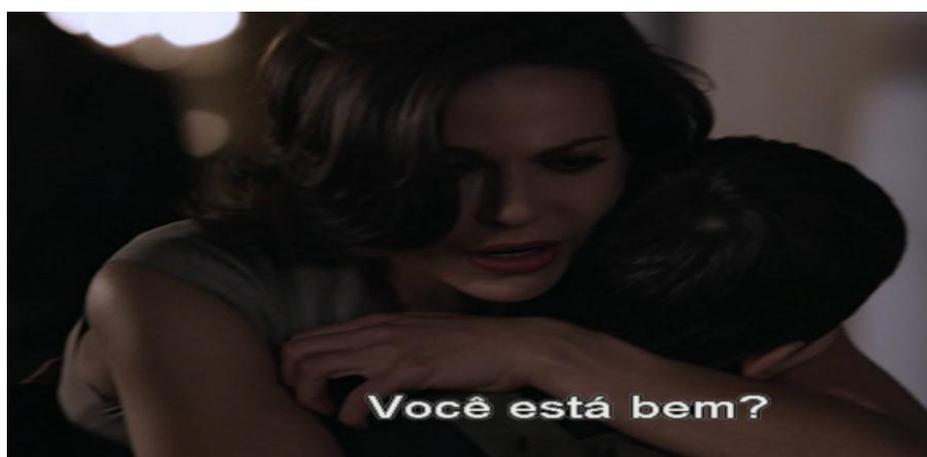


Figura 4: Regina em Storybrooke (no mundo real) abraçada com Henry (seu filho adotivo).

Henry Mills é o deuteragonista de *Once Upon a Time*. Ele apareceu pela primeira vez no episódio piloto. Essa cena é uma das primeiras vezes em que ele aparece. É filho biológico de Emma Swan e filho adotivo de Regina Mills. Emma o abandonou quando ele ainda era bebê, mas Henry volta para confrontá-la, por isso Regina o criou. Foi sempre foi muito amorosa com ele e é a única pessoa na cidade de *Storybrooke* que não está sob o feitiço da Rainha. Henry encontra sua mãe biológica e a leva para a cidade para ajudar a quebrar a maldição e derrotar a Rainha. Chegando na cidade, Regina o abraça desesperada, pois não sabia onde o garoto tinha ido. Na cena abaixo, percebe-se a expressão de preocupação em seu rosto.

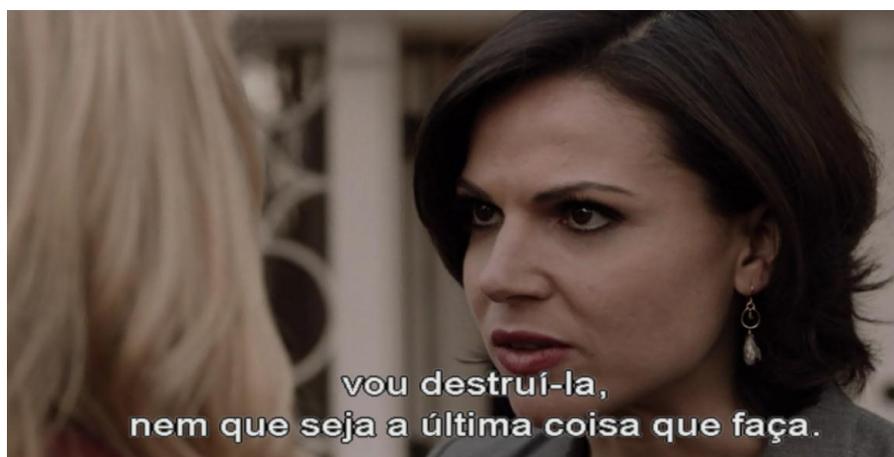


Figura 5: Regina falando com Emma (que no contos de fada é a filha da Branca de Neve.)

Vimos que Regina usa exatamente a mesma frase de ódio com Branca de Neve, no início do episódio e na floresta encantada, e agora com Emma, ou seja, existe uma referência nas duas cenas, pois Regina acha que depois de 10 anos Emma quer tomar seu filho de volta. Ela nunca quis saber de Henry, nem sabia por onde ele andava, mas ele chega em sua casa, em Boston de repente, causando espanto em Emma que não entendeu nada de início.

Regina nasceu na Floresta Encantada, para Cora a filha de um moleiro e para o Príncipe Henry. Após nascer, sua mãe Cora falou que um dia Regina seria uma rainha. Em seu Castelo de Campo, Regina se apaixona por um cavaliço chamado Daniel os dois começam a namorar mas mantêm em segredo porque Cora nunca aprovaria.



Figura 6: Cena amorosa entre Regina e Daniel.

Como todas as moças da idade dela já estavam se casando, já é hora da filha também se casar. Assim, passa a ver chances de Regina virar rainha, e a manipulava. Salvando Branca de Neve de um acidente aramado pela mãe, Regina cai na armadilha.

Daniel trabalhava cuidando dos cavalos na casa de Regina e era um rapaz humilde, mas de bom coração. Eles acabam se apaixonando, mas Cora não aceita, pois quer que Regina case com o rei, o pai de Branca de neve. Regina só queria viver esse amor sincero e verdadeiro, mas sua mãe fazia de tudo para impedir. Quando Regina confessou o seu amor por Daniel a Branca de Neve, que ainda era uma criança, mas Branca teve a infeliz ideia de comentar com Cora, estragando os planos do casal de uma forma trágica.

O Rei Leopoldo vai agradecer por Regina ter salvo sua filha e a pede em casamento e Cora diz que Regina aceita. Regina vai até o estábulo encontrar Daniel e diz o que aconteceu e ela e Daniel se beijam. Mas Branca de Neve os vê e sai correndo mas tropeça em uma pedra e cai. A menina pergunta porque ela não amava seu pai e Regina responde que o amor não funciona assim e pede que Branca guarde segredo. Mais tarde o casal tenta fugir, mas Cora arranca o coração de Daniel.

Vemos na narrativa que as consequências que tornam Regina má são produzidas pela decepção e pela tristeza pela morte do amado.



Figura 7: Cora (mãe de Regina) arranca o coração de Daniel.

A partir daí Regina se revolta e resolve ir pro caminho do mau, se transformando assim na Rainha Má. Quando Regina provava seu vestido ela descobre que Branca contou seu segredo a Cora e se arrepende de não ter deixado ela morrer em seu cavalo. A partir daí o seu ódio por Branca nasce e a Rainha Má fará de tudo para destruí-la.

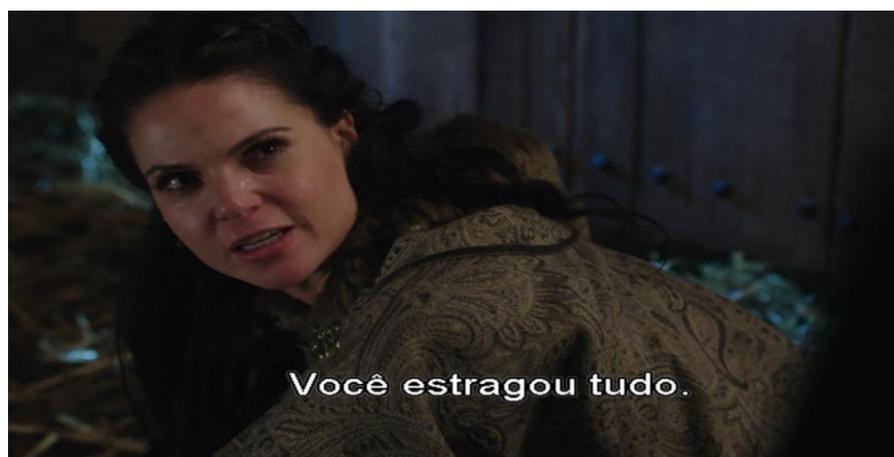


Figura 8: Regina com ódio depois da morte de Daniel.

Regina descobre através de seu pai que um homem deu a Cora um livro de feitiços e a ensinou magia. Ela rouba o livro de sua mãe e convoca o homem, que ao aparecer revelou ser Rumpelstiltskin e ele deu a Regina um espelho que faria com que quem o atravessasse fosse transportado para outro mundo. Regina então usa magia para ficar longe da mãe, enviando-a para o espelho. Depois disso, Rumpelstiltskin convence-a a aprender magia, pois Regina adorou usa-la.

Um dia nos estábulos do palácio, ela vê Branca de Neve cavalgar com sucesso. Irritada ela começa a destruir os prêmios que Branca ganhou, então Rumpelstiltskin aparece e diz que quando Regina conheceu Branca, ela quase morreu em um cavalo, mas hoje era a melhor amazona de todo o reino. Regina diz que foi o cavalo dela, e não ela que ganhou os prêmios. Então ele mostra uma imagem no espelho de um campo seco, que antes era uma floresta exuberante, até que Malévola a queimou. Regina pergunta como, e o Sombrio responde que foi com um dos bens mais preciosos, o tempo, mas Regina acha que ele não é poderoso o suficiente para mostra-la como. Foi assim que tudo começou. A Rainha prende o Príncipe e começa sua vingança contra Branca.



Figura 9: A Rainha Má prende o Príncipe Encantado numa cela, para se vingar de Branca de Neve, em seguida ela sai com uma maçã envenenada na mão.

A Rainha chega com os guardas na cela onde o Príncipe está preso, abre a cela e se insinua para o rapaz. Mas ele não cai nas suas artimanhas. A vilã diz que vai matar Branca, e o Príncipe pede que a deixe em paz, pedindo para morrer no lugar de sua amada. Ela diz que tem punições muito maiores que uma simples morte, e sai da cela sorrindo, com uma maçã envenenada na mão, deixando o Príncipe muito preocupado.

Depois disso, a Rainha Má vai encontrar Branca de Neve no celeiro, mesmo lugar onde Cora matou Daniel. Ela lembra de tudo que aconteceu naquela noite, e fica muito triste. Branca chega e elas vão para outro lugar, perto dali. Regina conta a Branca de Neve que graças Daniel tinha sido assassinado. Como vingança, Regina oferece a maçã enfeitada a Branca de Neve, que deve come-

la por vontade própria, pois a vilã disse que o Príncipe viveria, se Branca comesse a maçã, esse era o acordo. Como ela perdeu seu grande amor, Branca de Neve deveria agora perder o dela. Branca, em prantos, morde a maçã.



Figura 10: Branca de Neve come a maçã envenenada por decisão própria e acaba enfeitiçada.

Assim, percebemos que a sucessão de eventos narrada na série tem um viés de vingança, causado por todos os infortúnios que Regina havia sofrido na vida. No conto tradicional dos Irmãos Grimm, não conhecemos esses eventos, pois a Rainha já surge como um ser antagonista e contrário aos valores morais, pensando somente em si própria.

A série mostra outra perspectiva da vilã. Mostra que a sua vingança irá se processar, no sentido de vingar a morte de seu amado. A mãe tem um papel muito forte na caracterização da maldade de Regina, pois almeja bonanças através da filha, usando-a como veículo de ascensão.

Além disso, percebemos que a ingenuidade da Branca de Neve é agora um defeito e não uma qualidade, como é mostrado no conto dos Irmãos Grimm. A adaptação utiliza essas “qualidades” como pano de fundo para contar uma história maior e mostrar que as consequências de cada ato irá se perpetuar nas gerações posteriores.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável que os contos de fadas sempre terão um papel fundamental na formação da mentalidade infantil e nos afetarão até a vida adulta. No entanto, na contemporaneidade, podemos observar uma mudança no perfil das vilãs, a exemplo da Rainha Má, na série contemporânea *Once Upon a Time*. Ao longo desse estudo, buscamos caracterizar a Rainha Má e mostrar como essa antagonista conquistou o seu lugar de protagonista no conto de fadas moderno, ganhando a empatia dos espectadores. Regina ou a Rainha Má é uma das vilãs mais adoradas na contemporaneidade.

Ao conhecer bem a série, a partir dos episódios da primeira temporada, somos colocados diante das explicações que não justificam, mas nos fazem compreender a vilania da personagem. Esse é um aspecto suprimido dos contos tradicionais, porque, segundo Cademartori (2003), as primeiras adaptações dos contos de fadas tinham função moralizante. Logicamente, tratar as explicações para a vilania poderia distanciar as crianças e jovens dessa função.

Assim, por culpa de Branca de Neve e sua ingenuidade, ainda que suas intenções tenham sido as melhores, o único amor verdadeiro de Regina foi assassinado por sua própria mãe. Ela então desenvolve um desejo de vingança e mesmo que não utilize os meios mais ortodoxos, parte do público de espectadores da série se compadece dela, por apresentar a dicotomia relacionada ao ser humano, o bem e o mal, como apresenta Bettelheim (2002).

Once Upon a Time é uma série com várias ramificações, interferência de outros personagens em histórias das quais conhecemos bem os personagens, fazendo-os interagir. Essa abordagem criativa, ao que Linda Hutcheon (2006) chama de “inserção criativa”, auxilia nas explicações sobre a condição adversa da vilã. Também proporciona às histórias da primeira temporada a abertura de questionamentos que só serão respondidos ao longo dos episódios.

O deslocamento da Rainha Má na série nos leva a pensar os efeitos que os contos de fadas ainda possuem aos leitores mais adultos e de que forma o diálogo que mídia, sendo reflexo para a sociedade, possui com a literatura e os espectadores.

REFERÊNCIAS

BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Ática, 1985.

BETTLEHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fada**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002.

CADERMATORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

COSTA, Cristiane. **Eu compro essa mulher**: romance e consumo nas telenovelas brasileiras e mexicanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FIORIN, J. L. (Org.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. São Paulo: EDUSP, 1999.

GENETTE, G. **Palimpsestes**. Paris: Seuil, 1982.

HUTCHEON, Linda. **A Theory of Adaptation**. Nova Iorque: Routledge, 2006.

KRISTEVA, J. **Introdução à semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1974a.

MAFFESOLI, Michel. **A parte do diabo: resumo da subversão pós-moderna**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

STAM, Robert. **Teoria e prática da adaptação**: da fidelidade à intertextualidade. Florianópolis: UFSC, 2000.

THOMPSON, Kristin. **Storytelling in Film and Television**. University of Harvard, University of Harvard Press, 2003.